



Deriva e devires em ruína; paisagens do conjunto ferroviário de Panorama-SP

Deriva y devenires en ruina; paisajes del conjunto ferroviario de Panorama-SP

E6_01 - Paisagens históricas da produção: novos processos emergentes e experimentais na cidade contemporânea

Murilo Corte Thihara

Unesp, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente, Brasil

corte.thihara@unesp.br

Hélio Hirao

Unesp, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente, Brasil

helio.hirao@unesp.br

Resumo: Esta pesquisa explora as ruínas do Terminal Intermodal de Panorama-SP, marcadas pelo abandono de infraestruturas industriais, como a estação ferroviária, trilhos, porto, armazéns e cais. A evolução do transporte ferroviário no oeste paulista no século XX foi crucial para o desenvolvimento do município, mas sofreu o desmonte das operações de transportes com a mudança nas prioridades da política econômica, resultando no abandono do terminal. Esses espaços não são vistos apenas como vestígios de um passado produtivo, mas como paisagens vivas, moldadas por diferentes temporalidades e dinâmicas ecológicas. Apreende-se como esses territórios desafiam a lógica hegemônica do desenvolvimento urbano, podendo proporcionar uma valorização e preservação desses espaços por meio de uma abordagem metodológica rizomática, experimental e processual. Busca-se apreender essa paisagem a partir da obra de Anna

Tsing e o conceito de ecossistemas multiespécies , ampliando essa perspectiva ao considerar os corpos como potências em constante relação, não limitados ao humano, mas incluindo o solo, as ruínas, os vestígios materiais e as forças ambientais, em que interações entre humanos e não-humanos reconfiguram a paisagem. A produção a partir de uma etnografia e cartografia multiespécies auxilia na compreensão dessas paisagens degradadas, com base em Tsing, a autora revela como interações inesperadas entre humanos e não-humanos transformam o ambiente, criando redes ecológicas que escapam ao controle da lógica produtivista. Referenciando-se nesse pensamento, esta pesquisa busca evidenciar como as ruínas urbanas se tornam lugares de regeneração e coexistência, jardins vivos e dinâmicos, onde plantas, fungos, animais e microrganismos participam da reconfiguração de fluxos. Essa abordagem amplia o conceito de território ao incluir não apenas os vestígios materiais, mas também os fluxos vitais que os atravessam. Assim, as ruínas do Terminal Intermodal de Panorama-SP são investigadas como espaços em constante transformação, onde diferentes agentes reconfiguram seus sentidos e usos.

Palavras-chave: Deriva, Cartografia, Paisagem, Panorama, Patrimônio ferroviário.

Resumen: Esta investigación explora las ruinas del Terminal Intermodal de Panorama-SP, marcadas por el abandono de infraestructuras industriales, como la estación ferroviaria, las vías, el puerto, los almacenes y los muelles. La evolución del transporte ferroviario en el oeste paulista durante el siglo XX fue crucial para el desarrollo del municipio, pero sufrió el desmantelamiento de las operaciones de transporte con el cambio en las prioridades de la política económica, lo que resultó en el abandono del terminal. Estos espacios no son comprendidos únicamente como vestigios de un pasado productivo, sino como paisajes vivos, modelados por diferentes temporalidades y dinámicas ecológicas. Se analiza cómo estos territorios desafían la lógica hegemónica del desarrollo urbano, pudiendo propiciar la valorización y preservación de estos espacios a través de un enfoque metodológico rizomático, experimental y procesual. Se busca aprehender este paisaje a partir de la obra de Anna Tsing y del concepto de ecosistemas multiespecie, ampliando esta perspectiva al considerar los cuerpos como potencias en constante relación, no limitadas a lo humano, sino incluyendo el suelo, las ruinas, los vestigios materiales y las fuerzas ambientales, en las que las interacciones entre humanos y no humanos reconfiguran el paisaje. La producción a partir de una etnografía y cartografía multiespecie contribuye a la comprensión de estos paisajes degradados. Con base en Tsing, la autora revela cómo interacciones inesperadas entre humanos y no humanos transforman el entorno, creando redes ecológicas que escapan al control de la lógica productivista. En referencia a este pensamiento, esta investigación busca evidenciar cómo las ruinas urbanas se convierten en lugares de regeneración y coexistencia, jardines vivos y dinámicos, donde plantas, hongos, animales y microorganismos participan en la reconfiguración de flujos.

Este enfoque amplía el concepto de territorio al incluir no solo los vestigios materiales, sino también los flujos vitales que los atraviesan. Así, las ruinas del Terminal Intermodal de Panorama-SP son investigadas como espacios en constante transformación, donde diferentes agentes reconfiguran sus sentidos y usos.

Palabras-clave: *Deriva, Cartografía, Paisaje, Panorama, Patrimonio ferroviario*

Introdução

As infraestruturas ferroviárias e portuárias abandonadas que marcam inúmeras cidades do interior brasileiro são frequentemente compreendidas a partir de narrativas de obsolescência, fracasso ou estagnação econômica. Nessas leituras hegemônicas, as ruínas e os vestígios dessa paisagem surgem como resíduos de um passado produtivo superado, espaços vazios à espera de requalificação, substituição ou apagamento. No entanto, tais territórios, ao escaparem das lógicas dominantes de planejamento e controle urbano, tornam-se campos férteis para a emergência de outras formas de vida, de uso e de significação, desafiando concepções lineares. Este artigo parte dessa investigação sobre o conjunto ferroviário e portuário do antigo Terminal Intermodal de Panorama-SP, compreendendo-o não como vestígio inerte, mas como paisagem viva, atravessada por múltiplas temporalidades, corpos e processos.

Localizada às margens do rio Paraná, no extremo oeste do estado de São Paulo, Panorama-SP teve sua formação urbana profundamente vinculada ao urbanismo moderno e às infraestruturas de transporte ferroviário e fluvial, especialmente a partir do plano elaborado por Francisco Prestes Maia na década de 1940. A ferrovia, o porto, os armazéns, os pátios de manobra e a estação configuraram, ao longo do século XX, um território funcional estratégico para a integração regional e para a economia local. Contudo, a partir da segunda metade desse século, mudanças nas políticas econômicas e nos investimentos em infraestrutura provocaram o progressivo desmonte dessas operações, culminando no abandono do terminal e de seus equipamentos. Longe de encerrar sua história, nesse processo emergem novas dinâmicas espaciais, ecológicas e sociais, nas quais ruínas, vegetações espontâneas, corpos humanos e não humanos coexistem e reconfiguram continuamente a paisagem.

Investiga-se como as paisagens do Terminal Intermodal de Panorama-SP podem ser reconhecidas como processo, nas quais se articulam, abandono infraestrutural, práticas cotidianas, dinâmicas ecológicas e relações multiespécies. Aprendendo de que maneira esses territórios desafiam concepções hegemônicas de cidade e patrimônio, abrem-se espaços para outras éticas de habitar, preservar e projetar. Ao acompanhar processos de formação histórica, de apreensão sensível e de expressão cartográfica, o artigo propõe uma leitura do urbano que reconhece a potência da ruína, do mato, do improvisado e do devir como elementos constitutivos da paisagem contemporânea.

Busca-se apreender esses territórios como espaços em devir, onde diferentes formas corpos se entrelaçam, produzindo ecologias híbridas e multiespécies. A partir das contribuições de Anna Tsing (2019), especialmente no que se refere às paisagens multiespécies no Antropoceno, as ruínas são compreendidas como jardins vivos, nos quais a regeneração emerge de forma contingente, precária e não planejada, revelando modos de coexistência que escapam à racionalidade produtivista e ao controle técnico do urbanismo.

Essa perspectiva exige também uma inflexão metodológica. Em lugar de metodologias distanciadas e representacionais, o artigo adota a cartografia e a deriva como práticas de pesquisa que implicam o corpo do pesquisador no território, entendendo o conhecimento como algo que se produz na experiência, no encontro e na atenção ao que emerge. Inspirada nas formulações de Deleuze e Guattari (1995), bem como nos desdobramentos metodológicos propostos por Kastrup, Passos e Escóssia (2009), a pesquisa se estrutura como um processo rizomático e experimental, na qual a metodologia, análise e resultado se contaminam mutuamente. O caminhar, o perder-se,

o seguir pistas e afetos tornam-se, assim, modos de leitura e co-produção da paisagem. Nesse sentido, mais do que apresentar resultados conclusivos, o texto assume o caráter de um percurso em andamento, no qual a escrita, a cartografia e a experiência caminham juntas.

Percurso metodológico: deriva, cartografia e corpo-paisagem

A presente pesquisa estrutura-se sobre um percurso metodológico que se ancora no caminhar como prática investigativa, assumindo o território como campo de experiência sensível e o corpo como instrumento de leitura. A metodologia cartográfica não se orienta por metas fixas, mas se constitui no próprio ato de deslocar-se o caminho que revela, a cada passo, suas próprias direções, aproximando-se da lógica rizomática proposta por Deleuze e Guattari (1995): uma metodologia que não busca totalizar, mas conectar.

Nesse movimento, a investigação não é um processo de distanciamento, mas um “saber com”, em que o pesquisador se implica no território existencial do objeto investigado, tornando a experiência da pesquisa uma relação íntima e sensível (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). Assim, o pesquisador não se limita à coleta passiva de dados, mas atua criando dados, engendrando, a partir das informações e de suas inter-relações, novas informações e sentidos (Sheink; Lima, 2019).

Este artigo insere-se em um percurso de pesquisa mais amplo, desenvolvido inicialmente no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Estadual Paulista (PIBIC/UNESP), conforme o Edital 08/2025, sob o título *Mapeamento rizomático dos corpos e ambiências do Terminal Intermodal de Panorama-SP: permanência, transformação e ativação*. A investigação teve continuidade e aprofundamento no Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESP, constituindo-se como desdobramento e maturação de um processo investigativo de longa duração. Assim, o presente artigo não se apresenta como síntese conclusiva, mas como recorte e experimentação parcial desse percurso, na qual metodologia, conceitos e práticas foram sendo elaborados de modo processual, a partir da experiência direta com o território e de sua ativação sensível, cartográfica e multiespécies.

A investigação teve como território o município de Panorama-SP, localizado às margens do rio Paraná, cuja gênese urbana, vinculada ao urbanismo moderno de Francisco Prestes Maia e à implantação de infraestruturas ferroviárias e portuárias, é analisada a partir de suas contradições históricas, espaciais e sensíveis. O campo empírico concentra-se na área do antigo Terminal Intermodal de Panorama, em seus entornos ferroviários e nas margens fluviais adjacentes, espaços marcados pelo abandono funcional dessas infraestruturas, mas também por processos contínuos de transformação. Mais do que vestígios de um passado produtivo, essas paisagens são compreendidas como processos, atravessadas por múltiplas temporalidades, dinâmicas ecológicas e interações multiespécies, nas quais ruínas, solo, água, vegetação, corpos humanos e não humanos se entrelaçam. Nesse sentido, a análise do território busca apreender como esses espaços, historicamente esquecidos e ignorados pelas lógicas hegemônicas do urbanismo, desafiam perspectivas utilitaristas e abrem campo para leituras que reconhecem a ruína como lugar de reinvenção, coexistência e regeneração, em consonância com uma abordagem metodológica rizomática, experimental e processual.

A metodologia deriva (Jacques; 2011, 2022; Careri, 2013; Rocha, Santos, 2023) foi adotado como principal ferramenta de aproximação com o território, permitindo a imersão nas dinâmicas urbanas e a apreensão das atmosferas e afetos que escapam às leituras convencionais. A atenção, segundo Kastrup (2009), assume papel central na realização da deriva e produção de expressões cartográficas ao ultrapassar a simples seleção de dados, orientando-se pela detecção de signos e forças em circulação que se manifestam antes de serem visíveis. Trata-se de uma escuta sensível do campo, guiada por uma concentração sem focalização, em que o pesquisador se abre ao que pulsa no invisível do presente. Nesse contexto, a autora propõe quatro gestos que configuram o fazer atencional do cartógrafo (Figura 01): o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio corresponde à varredura inicial, em que os sentidos tateiam o espaço em busca do que ainda não se mostra; o toque marca o instante em que algo vibra e convoca o corpo à escuta da singularidade; o pouso ocorre quando a percepção encontra um ponto de condensação e muda de escala, reorganizando o espaço; e, por fim, o reconhecimento atento instaura-se quando memória e percepção se entrelaçam, permitindo acompanhar o movimento do campo sem pretensão de dominá-lo. Assim, o gesto cartográfico propõe uma atenção que envolve o corpo todo, compondo com o vivido em vez de representá-lo (Kastrup, 2009).



Figura 01: Rastreio, toque, repouso e reconhecimento atento. Fonte: do autor, agosto de 2025.

Resultados em Processo

Processos de formação: Panorama e o urbanismo moderno

A formação histórica de Panorama-SP está profundamente ligada à expansão ferroviária e às políticas de ocupação territorial do Estado de São Paulo, articuladas à racionalidade técnico-política do urbanismo moderno. Localizada às margens do rio Paraná, na divisa com o Mato Grosso do Sul, Panorama constitui-se como um território de tensões entre memória, infraestrutura e novas dinâmicas econômicas. Com cerca de 15 mil habitantes, sua origem remonta às estratégias de integração regional impulsionadas pela ferrovia e, posteriormente, pela rodovia, configurando um nó logístico e produtivo do oeste paulista (Silva M., 2018).

A gênese urbana de Panorama insere-se nas políticas de interiorização do território durante o governo Vargas, especialmente com o programa “Marcha para o Oeste” (1937), que estimulava a criação de cidades e infraestrutura nas margens do rio Paraná. A região foi organizada a partir das Normas Gerais para Construção e Urbanismo das Cidades do Interior (1938), que

padronizaram o planejamento das novas cidades. Pautado nos preceitos modernistas funcionalistas de Le Corbusier, o urbanista Francisco Prestes Maia concebeu Panorama em 1946, como uma cidade modelo (Figura 02).

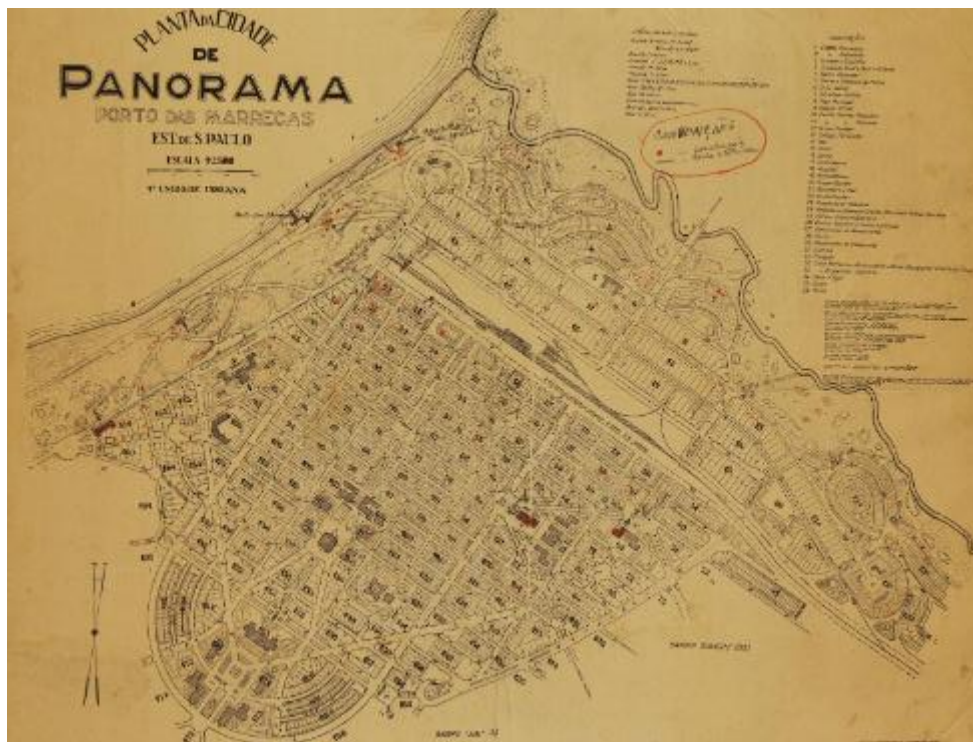


Figura 02: Planta original do Patrimnio de Panorama-SP. Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (2019)

Panorama-SP afirmou-se como aposta estratégica do desenvolvimento regional ao ser elevada a distrito em 1948 e emancipada como município em 1954, consolidando-se como símbolo do bandeirismo moderno e da urbanização do interior paulista (Silva, 2020; Silva W., 2013). A cidade estruturou-se a partir do plano urbanístico elaborado por Francisco Prestes Maia, contratado pela Imobiliária Panorama Ltda., fundada em 1945, incorporando referências de Haussmann e Cerd e configurando-se como um dos raros experimentos do urbanismo moderno no interior do estado (Silva M., 2018). A chegada da ferrovia em 1962, como desdobramento do tronco oeste da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, iniciado em 1941, reforçou o papel logístico do município e confirmou as previsões de integração territorial previstas no plano urbano, articulando ferrovia, porto fluvial e rodovias (Silva M., 2020; Giesbrecht, 2023).

Com o declínio do sistema ferroviário sob a administração da FEPASA, a desativação do trecho Baur–Panorama em 2001 e o encerramento das atividades do terminal em 2006 evidenciaram a perda de protagonismo do modal ferroviário. Paralelamente, o rio Paraná acolheu ciclos econmicos fundamentais, como a pesca e a indústria ceramista, profundamente impactados pela formação do lago da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta a partir de 1999, que provocou o alagamento das jazidas de argila, o deslocamento de populações ribeirinhas e a reorientação das estratégias econmicas locais, culminando na valorização do turismo, na implantação do Balneário Municipal Frederico Platzeck em 2004 e no reconhecimento de Panorama como Município de Interesse Turístico em 2018 (Silva W., 2013; Silva M., 2018).

A trajetória de Panorama-SP explicita o embate entre o ordenamento urbano moderno e os processos vivos que escapam à sua lógica disciplinar. Lida a partir dessa perspectiva, Panorama deixa de ser compreendida apenas como artefato histórico do urbanismo moderno e passa a ser reconhecida como paisagem multiespécies em devir. As ruínas ferroviárias, os terrenos baldios e os interstícios urbanos não se apresentam como resíduos do fracasso do planejamento, mas como zonas de regeneração, coexistência e invenção, onde diferentes temporalidades e formas de vida se entrelaçam. Essa leitura rizomática (Deleuze; Guattari, 1995), em diálogo com Anna Tsing, permite compreender o urbano não como estrutura hierárquica e estável, mas como trama de relações e perturbações, na qual humanos e não humanos produzem modos de habitar que desafiam a lógica produtivista e abrem espaço para outras éticas de cuidado, preservação e pertencimento.

Processos de apreensão: derivas e cartografias

A construção deste artigo emerge, portanto, de um percurso coletivo e situado de pesquisa, vinculado às práticas e investigações desenvolvidas no âmbito do grupo “Projeto, Arquitetura e Cidade – Núcleo de Estudos em Patrimônio e Projeto” da Universidade Estadual Paulista (GPArc/NePP-UNESP), orientado pelo Professor Hélio Hirao, bem como das experiências acumuladas ao longo da iniciação científica e do trabalho final de graduação. Trata-se de uma produção que não nasce de um gesto isolado, mas de um campo de trocas, caminhadas, leituras e derivas compartilhadas, nas quais o método cartográfico foi sendo continuamente tensionado, testado e reinventado a partir do contato direto com o território de Panorama-SP. Nesse sentido, o artigo assume explicitamente sua condição de escrita situada, atravessada por práticas pedagógicas, investigativas e projetuais que articulam ensino, pesquisa e extensão, fazendo da paisagem não apenas objeto de análise, mas parceira ativa na produção do conhecimento.

Como pistas de formação, a atenção assume um papel central na metodologia. Diferente da simples seleção de dados, seu funcionamento não se limita à focalização de formas já reconhecíveis, mas se volta à detecção de signos e forças em circulação como vestígios, pontas soltas de processos em curso que se fazem sentir antes mesmo de se fazerem ver. A escuta do campo, portanto, não se dá a partir de uma consciência já preparada, mas por uma abertura sensível ao que pulsa no invisível do presente. A partir da ideia de uma concentração sem focalização, que orientam a produção das derivas neste trabalho, propõe quatro gestos que configuram o fazer atencional do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento (Kastrup, 2009).

Não se trata apenas de mover-se por um território já dado, mas de fazê-lo emergir pela experiência do corpo sobre a paisagem. Nesse processo, caminhar e percurso se tornam mais do que deslocamentos: tornam-se eixos que orientam modos de conhecer e de produzir cidade. Para Schenk e Lima (2019), tais práticas promovem formas de registro que evidenciam as particularidades da experiência urbana, em oposição às lógicas de padronização e homogeneização que costumam reger os projetos e planejamentos urbanos.

Ao acompanhar os percursos, gestos e interações que ocorrem na paisagem, a narratividade evidencia que o conhecimento não se limita aos arquivos documentais, nem às histórias oficiais registradas sobre o terminal e sua desativação. A partir dessas leituras, propõe-se a construção de

cartografias sobre o espaço de Panorama-SP, tomando a paisagem sobre os trilhos e as estruturas de outrora como zonas de vida e encontro de afetos. As derivas realizadas permitiram reconhecer multiplicidades e heterogeneidades, com o corpo como principal instrumento de escuta e percepção.

Seguir outros corpos além do humano, como um mato que floresce e se faz nascer em outro canto, ou corpos “mais que humanos”, como Tsign(2019) poderia descrever, inaugura a cartografia do corpo-paisagem a partir de singularidades que se desdobram em círculos de convergência, formando linhas que não apenas delimitam territórios, mas configuram territórios em movimento. Conforme proposto em Mil Platôs, o processo inicia-se com a fixação dos limites de uma primeira linha, que circunda singularidades sucessivas, para logo depois observar, no interior desse espaço, o surgimento de novos círculos que expandem o mapa sensível, a partir de pontos exteriores e outras direções. Essa lógica de expansão espacial se desdobra em uma percepção que atravessa o tempo e o espaço, refletindo a dinâmica viva da natureza e das relações que nela se inscrevem (Deleuze, Guattari, 1995), nesse sentido,

Primeiro, caminhe até tua primeira planta e lá observe atentamente como escoam a água de torrente a partir deste ponto. A chuva deve ter transportado os grãos para longe. Siga as valas que a água escavou, e assim conhecerá a direção do escoamento. Busque então a planta que, nesta direção, encontra-se o mais afastado da tua. Todas aquelas que crescem entre estas duas são para ti. Mais tarde, quando estas últimas derem por sua vez grãos, tu poderás, seguindo o curso das águas, a partir de cada uma destas plantas, aumentar teu território” (Castaneda apud Deleuze, Guattari, 1995)

A partir do primeiro contato com o local, iniciou-se um processo de formação e reconhecimento do espaço por meio do corpo pesquisador, com tentativa de reconhecer suas multiplicidades e heterogeneidades, a inserção no espaço urbano se deu por inúmeras derivas, ora sozinhos, ora com o convite prévio a adentrar em conjunto e explorar o espaço, ora acompanhado pelo acaso, pelos mais diversos outros corpos. A metodologia da pesquisa tem como base do processo de formação e reconhecimento, a partir delas então algumas pistas foram comuns a maioria das derivas:

- Utilizar software de geolocalização que registre o percurso sobre o mapa
- Gravar e anotar a experiência pessoal sobre um caderno de campo
- Registrar a experiência por meio de fotografias, considerada como forma de registro e jogo com o território
- Atenção as 4 pistas; rastreo, toque, pouso e reconhecimento ativo
- Perder-se, andar sem necessariamente um rumo definido

A partir dos registros de geolocalização colhidos pelas derivas foi proposto o mapa de composição de caminhadas realizadas (Figura 03), que apresenta regiões de maior intensidade ou menor de acordo com a frequência com que o corpo do pesquisador e os corpos que compuseram essa pesquisa atravessam o espaço.

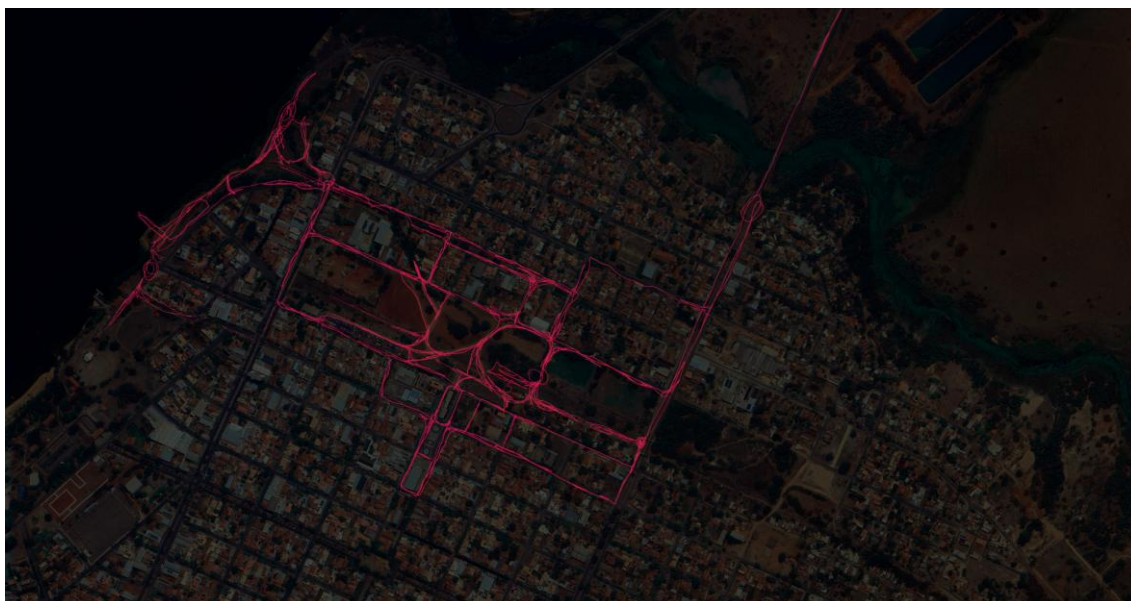


Figura 03: Composição de caminhos. Fonte: do autor, agosto de 2025.

Perder-se nesse trajeto não é erro, mas parte do caminho. Nas palavras de Jacques (2011), “como não há sinalização, placas, nomes ou números, qualquer pessoa de fora ali se perde facilmente. [...] A pessoa só se dá conta do que ele é, e sempre de maneira fragmentária, quando nele entra” (Jacques, 2011). O labirinto, símbolo da cidade sentida, não pode ser compreendido à distância. Ele exige a imersão do corpo, o contato, fricção, o embaraço, a incerteza.

E é justamente essa incerteza que abre espaço para o reencontro, não com um ponto de chegada, mas com a possibilidade de ver o espaço de outra maneira. Nesse horizonte, mapear não é capturar o real, mas criar condições para que ele se mostre.

O mapa portanto funciona como um espécie de inscrição da experiência do corpo sobre a paisagem, a construção de uma cartografia, na perspectiva rizomática proposta por Deleuze e Guattari, é sempre inacabada, aberta ao acaso e à transformação. O mapa, para os autores, não é uma representação fixa, mas um campo de forças, de movimentos, de intensidades. Ele é “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. Pode ser traçado por uma mão solitária, uma coletividade ou mesmo uma paisagem que se inscreve sobre o corpo pode ser “desenhado numa parede, concebido como obra de arte, construído como uma ação política ou como uma meditação” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21). A cartografia, nesse sentido, em sua exploração mais hegemônica talvez se configure como ferramenta de domínio e guerra, mas ao contrário, o método propõem um modo de existir junto com o mundo, de produção de alteridade.

Nesse sentido, o mapa de composição dos afetos (Figura 04) de atração (cores quentes) indica os pontos em que os encontros ampliaram a potência de agir do pesquisador, produzindo sensações de acolhimento, reconhecimento e curiosidade, onde corpo e território se compuseram em ritmos compartilhados. Já o mapa de afetos de repulsão (cores frias) identifica zonas em que o encontro provocou desconforto, medo ou dispersão da potência, revelando tensões e limites da composição entre corpo e espaço. Assim, não se trata de distinguir lugares “bons” ou “ruins”, mas de registrar como diferentes encontros intensificam ou enfraquecem a vida em ato.

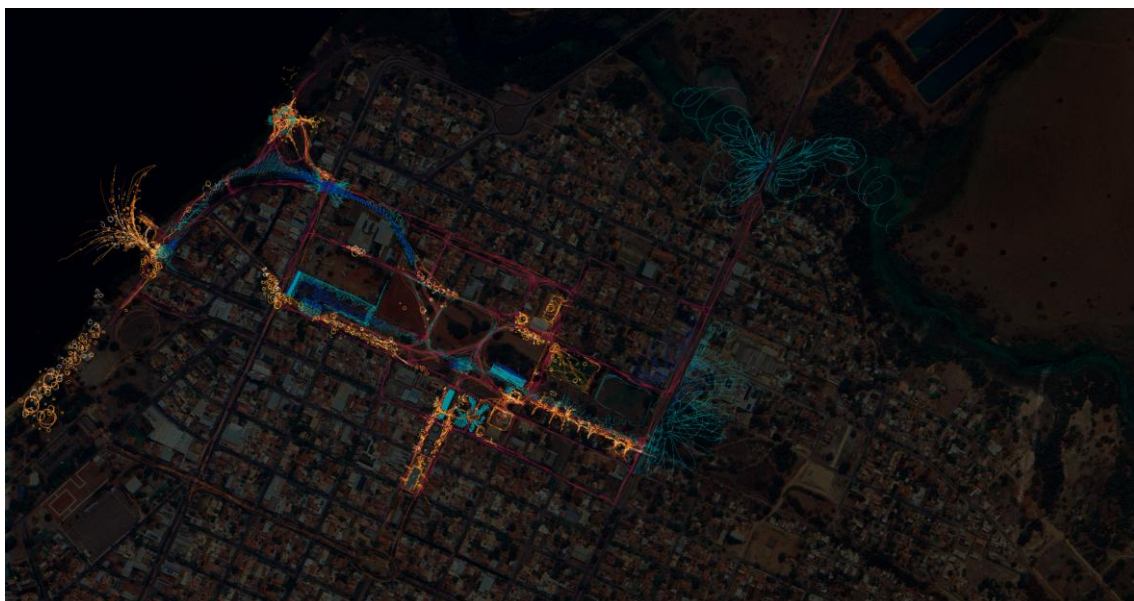


Figura 04: Composição de afetos. Fonte: do autor, agosto de 2025

As colagens e cartografias (Figuras 05, 06, 07 e 08) operam como dispositivos de pensamento e reflexão, revelando uma paisagem composta por corpos humanos e mais-que-humanos: matos, animais, ruínas e sons. Nelas, o espaço emerge como campo de afecções, coexistências e resistências. O termo “mais que humanos” (more-than-human) deriva de perspectivas contemporâneas dos estudos multiespécies e das ontologias pós-humanistas, que buscam superar a divisão moderna entre natureza e cultura, reconhecendo a agência e a socialidade de outros seres vivos e não vivos. Nessa concepção, o social é entendido como rede de relações interdependentes que envolvem humanos e não humanos, deslocando o antropocentrismo e propondo uma visão ecológica ampliada da existência (Tsing, 2013).



Figura 05: Espacialização das cartografias das figuras 06, 07 e 08. Fonte: do autor, agosto de 2025



Figura 06: Cartografia sobre a região próxima a estação de Panorama-SP. Fonte: do autor, agosto de 2025



Figura 07: Cartografia sobre a região sobre os trilhos, da estação as ferragens e porto. Fonte: do autor, agosto de 2025



Figura 08: Cartografia sobre a região das ferragens e porto, próxima as margens do rio. Fonte: do autor, agosto de 2025.

Nesse sentido, a efemeridade dos seres naturais que habitam os interstícios urbanos, as pequenas brotações, plantas pioneiras, as existências fragmentárias constitui uma dimensão fundamental da paisagem contemporânea. Essas manifestações espontâneas da natureza, muitas vezes ignoradas ou invisibilizadas, são testemunhas da vitalidade da cidade enquanto organismo em constante transformação.

Essa relação de uma deriva que observa, entra em contato com corpos mais que humanos, Anna Tsing descreve em seu livro “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno”(2019) um relato etnográfico muito atencioso ao processo de colheita do cogumelo *matsutake* em florestas perturbadas, Tsing descreve como:

Muito do conhecimento dos catadores de cogumelos sobre a floresta é um conhecimento cinético: um saber sobre como se mover por ela, navegando por suas vistas, sons e cheiros. Embora possam ser eloquentes ao explicar seus movimentos, as pessoas se tornam especialistas em forrageamento de cogumelos não por meio de conversas, mas com o uso de seus corpos. (Tsing, 2019)

Tsing (2019) destaca que muitas dessas espécies traçam “linhas de dança”, conexões com outros corpos por meio de seus afetos, um movimento que nos convida a seguir tanto os humanos quanto outras vidas em suas conjunções, gerando paisagens multiespécies que transcendem o isolamento de cada existência. O forrageamento de cogumelos, por sua fluidez e ritmo, poderia até ser compreendido como uma forma de dança, na qual memória e movimento se fundem: “Sem a dança das florestas de *matsutake*, a memória perde o foco. A dança é memória.”(Tsing, 2019)

A experiência da dança revela o “estar” das coisas, um fluxo contínuo de criação pelo ato corporal e transformação incessante. Este movimento é chave para o que se pode chamar de “arte ambiental”: uma relação dinâmica entre o que é móvel e transformável, estruturado pela participação do espectador, e o que é estático, mas também permeável à transformação segundo o ambiente em que se encontra (Jacques, 2011). Assim, o corpo se apresenta não como um mero receptáculo, mas como um agente múltiplo, inscrito na paisagem e, ao mesmo tempo, moldando-a.

Tsing (2019) observa a fluidez do trabalho de um coletor de cogumelos, cuja ação se assemelha a uma dança inscrita na memória e na paisagem, uma “corpografia” onde corpo e lugar se formam e se reformam mutuamente, “Eles continuam crescendo e mudando ao longo de suas vidas”(Tsing, 2019). Na cidade, a “corpografia urbana” emerge como uma cartografia feita pelo corpo e no corpo, onde as memórias da cidade se inscrevem como registros vívidos das experiências corporais, configurando simultaneamente o corpo e o espaço vivido (Jacques; Britto, 2012). A corporalidade, em constante diálogo com a ambiência, desafia a lógica espetacular da cidade contemporânea, que se reduz frequentemente a uma mera imagem de marca ou logotipo (Jacques; Britto, 2012).

Ao acompanhar esses processos o corpo pesquisador passa a compor com o espaço, produzindo mapas que não fixam, mas acompanham movimentos, intensidades e transformações em curso, a deriva e a cartografia operam como ferramentas de leitura e apreensão desses territórios. As cartografias resultantes não pretendem encerrar sentidos ou representar totalidades, mas registrar vestígios de um território vivo, instável e relacional.

Processos de expressão: ruínas, multiespécies e devir-mato

Quando a ordem estabelecida se desfaz, as ruínas não se apresentam apenas como vestígios de destruição, mas como territórios férteis para a criação e a produção de novos modos de existir.

Como destaca Tsing (201), “ruínas agora são os nossos jardins”: nesses espaços degradados e arruinados, encontra-se uma potência inesperada, um campo aberto para formas de vida resistentes e para a transformação incessante. Mesmo os oásis naturais que parecem promissores dependem de intervenções constantes, revelando que a manutenção da vida e da fartura nunca é um dado, mas uma luta contínua e dinâmica. (Tsing, 2019)

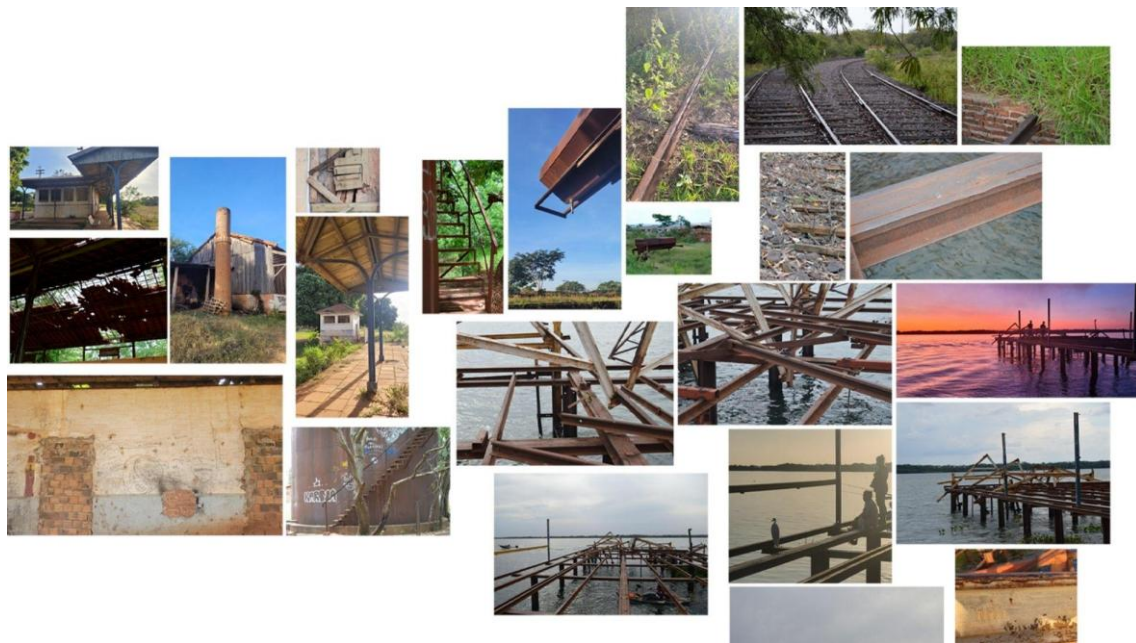


Figura 09: Ruínas do terminal intermodal de Panorama-SP. Fonte: do autor, agosto de 2025.

A história das cidades também registra a emergência de “ecologias de destroços”, como as que surgiram após os bombardeios da Segunda Guerra Mundial, quando os escombros de prédios destruídos deram origem a novas formas de vida vegetal no coração urbano. Essas ervas pioneiras das ruínas não apenas reconstróem ecossistemas locais, mas também criam metáforas para outras formas de resistência e sobrevivência, jardins improvisados por imigrantes, espaços de convívio informais e até campos de refugiados em meio à floresta, que exemplificam a vitalidade e o poder de reinvenção da natureza e das comunidades humanas em contextos adversos (Tsing, 2019).



Figura 10: Ruínas em rizoma com o terminal intermodal de Panorama-SP. Fonte: do autor, Agosto de 2025.

A distinção entre cidade e natureza, tradicionalmente colocada como oposição, tende a se esmaecer. Guattari (1990) aponta que os territórios “naturais” remanescentes já não existem mais como espaços intocados, mas são moldados por programações humanas, destinados ao lazer, ao esporte, ao turismo, às reservas ecológicas, espaços produzidos para sustentar modos específicos de habitar, consumo e representação. Essa transição evidencia que a fronteira entre natureza e urbano é cada vez mais porosa, revelando um mundo híbrido onde o natural não é mais algo exterior, mas atravessa, e é atravessado pelo humano, implicando uma urgente reconfiguração das nossas relações com o ambiente (Guattari, 1990).

As cidades pequenas se apresentam como territórios de liberdade relativa, marcadas pela ausência de ordenamentos urbanos previsíveis e controladores que caracterizam as grandes metrópoles. Nesse contexto, o devir-urbano que emerge dessas localidades pode ser compreendido como um urbano não domesticado, resistente às tentativas de controle absoluto e à padronização que muitas vezes sufocam as grandes cidades. Essa condição singular das cidades pequenas abre um espaço fecundo para pensar o urbano como processo vivo, mutável, permeado por contornos fluídos e por intensidades que escapam à lógica disciplinar e produtiva do planejamento tradicional (Detoni; Rocha, 2022).

Essa visão fragmentada e antropocêntrica oculta as múltiplas histórias multiespécies que constituem as paisagens sociais e que, quando reveladas, ampliam nossa compreensão da diversidade e das interações em diferentes escalas. Como ressalta Tsing (2019), contar tais histórias oferece um convite para reconhecer as trajetórias entrelaçadas de humanos, não-humanos, revelando a complexidade e a dinâmica que sustentam a vida em seus mais variados modos e formam paisagens. (Tsing, 2019)

As experiências sensíveis nos territórios, entre plantas, ruínas, insetos, resíduos e fluxos, são também experiências sobre o corpo e de linguagem, pois cada gesto de escuta ou atenção ao outro, humano ou não, requer uma forma de enunciação que o acolha sem reduzir sua singularidade. É nesse gesto, atento e comprometido, que o pesquisador se implica no que escuta, no que escreve

e no que torna visível, compondo mundos possíveis a partir do modo como narra ou fábula. Tenciona-se assim nas pistas sobre o método cartográfico a uma política da narratividade, enquanto questão metodológica, convocando-nos a refletir sobre o modo como as experiências se tornam narráveis e, portanto, reconhecíveis dentro da pesquisa. Tais narrativas revelam escolhas éticas e políticas que atravessam os modos de escuta, de registro e de análise, exigindo da pesquisa uma abertura para a subjetividade que habita os dados, suas mediações e suas expressões. (Passos, 2009)



Figura 11: Corpos vegetais do terminal intermodal de Panorama-SP. Fonte: do autor, Agosto de 2025.

A curiosidade lateral transcende a esfera do interesse individual, configurando-se como um gesto ético e coletivo que convida à abertura para o mundo compartilhado; um mundo frequentemente tomado como garantido, mas repleto de potencialidades inexploradas. Essa curiosidade, segundo Tsing (2019), é o combustível que alimenta uma espécie, impulsionando-nos a cultivar uma postura de receptividade às formas alternativas de existir e coexistir. (Tsing, 2019)

Tece então, uma apologia a um devir-mato: mato esse que nasce: resistente, resiliente, vandalístico, subversivo, deturpador, revoltante, insubordinado, revolucionário, insurgente, desordenado, anarquizado, pervertido e muitos outros adjetivos, contudo, não se purga de seus adjetivos, faz-se deles seus, apropria-se portanto deles, como o asfalto que serve de substrato ao devir mato. Não se anula, seus adjetivos, faz-se deles substrato para o devir.



Figura 12: Devir Mato Fonte: do autor, Agosto de 2025.

Considerações finais em processo

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo não conduzem a um fechamento conclusivo, mas a uma suspensão produtiva do olhar sobre o urbano e suas ruínas. O conjunto ferroviário e portuário do Terminal Intermodal de Panorama-SP revelou-se menos como um objeto a ser interpretado ou resolvido e, mais como um território em constante devir, atravessado por múltiplas temporalidades, agentes e formas de vida. As ruínas, longe de significarem apenas ausência ou decadência, emergem como paisagens ativas, onde processos de regeneração, imprevisto e coexistência se afirmam à revelia das lógicas hegemônicas do planejamento e da produtividade.

A adoção da cartografia e da deriva como práticas metodológicas permitiu acompanhar esses processos a partir de uma implicação direta do corpo no território, deslocando a pesquisa de uma postura representacional para uma experiência relacional e sensível. Nesse percurso, o mapa deixa de ser instrumento de controle para tornar-se inscrição provisória da experiência, um campo aberto de forças, afetos e encontros. O caminhar, o perder-se e a atenção às pistas do campo configuram modos de conhecer que reconhecem a instabilidade, a incompletude e a incerteza como valores constitutivos da produção do conhecimento, especialmente quando se trata de paisagens marcadas pelo abandono e pela vida que insiste em emergir.

Ao dialogar com os estudos multiespécies e com as contribuições de Anna Tsing (2019), o artigo propõe uma ampliação do conceito de território e de paisagem, incorporando corpos humanos e mais-que-humanos como agentes ativos na produção do espaço. O mato, as ruínas, os solos, a água e os organismos que habitam os interstícios urbanos deixam de ser compreendidos como resíduos ou ameaças à ordem urbana e passam a ser reconhecidos como potências de invenção, resistência e transformação. Esse deslocamento tensiona abordagens tradicionais do patrimônio e do urbanismo, abrindo espaço para leituras que valorizam o processo, a contingência e a coexistência como princípios éticos e políticos do habitar.

Por fim, ao assumir-se como parte de um percurso de pesquisa mais amplo e ainda em curso, este artigo reafirma a cartografia como prática de ativação e não de fechamento. As paisagens do Terminal Intermodal de Panorama-SP permanecem abertas, mutáveis e indeterminadas,

convocando novas derivas, novos corpos e novas narrativas. Mais do que oferecer respostas, o texto busca instaurar um campo de atenção e curiosidade lateral, no qual o urbano possa ser pensado a partir de suas margens, fissuras e devires, afirmando a ruína não como fim, mas como condição fértil para imaginar e experimentar outros modos de existir e projetar a cidade.

Referências

CARERI, F. **Walkscapes** : o caminhar como prática estética. 1a. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1995. v.1.

DETONI, L. P.; ROCHA, E. Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade. **Oculum Ensaios**, v. 19, 2 dez. 2022.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Panorama**. 2023. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/p/panorama.htm>. Acesso em: 23 jun. 2025.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas:Papirus, 1990.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de hélio oiticica. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

JACQUES, P. B; BRITTO, F. D; Corpo e cidade: coimplicações em processo. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 142–155, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2716. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2716> . Acesso em: 15 jun. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. Delírios ambulatorios e derivas urbanas. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, São Carlos, Brasil, v. 20, p. 8–36, 2022. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2022.200061. Disponível em: <https://revistas.usp.br/risco/article/view/200061>. Acesso em: 05 dez. 2025.

KASTRUP, Virgina; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KASTRUP, Virgínia. Pista 2: O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.in: PASSOS, Eduardo; KASTURUP, Virgina; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Arquitextos**, São Paulo, ano 24, n. 281.05, Vitruvius, out. 2023 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>.

SCHEINK, Luciana Bongiovanni Martins; LIMA, Maria Cecília Pedro Bom de. O Método Cartográfico no projeto da Arquitetura da Paisagem. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura**

e Urbanismo (Online), São Carlos, Brasil, v. 17, n. 2, p. 26–40, 2019. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v17i2p26-40. Disponível em: <https://revistas.usp.br/risco/article/view/151355..> Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, Magdiel. **FRANCISCO PRESTES MAIA E O PROJETO URBANO PARA PANORAMA**, 1945-1949. 2020. 318 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Willian Ribeiro da. **ENTRE O TURISMO E O LAZER: o caso da cidade de panorama/sp**. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Ufms, Três Lagoas, 2013.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Tradução de Thiago Mota Cardoso et al. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.